



Revista grifos

E-ISSN: 2175-0157

grifos@unochapeco.edu.br

Universidade Comunitária da Região de

Chapecó

Brasil

Antoniassi de Almeida, Wilson Ricardo
A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL E O SEU LEGADO PARA A EDUCAÇÃO DA
ATUALIDADE

Revista grifos, vol. 23, núm. 36/37, 2014, pp. 117-126
Universidade Comunitária da Região de Chapecó
Chapecó, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=572967127009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL E O SEU LEGADO PARA A EDUCAÇÃO DA ATUALIDADE

Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida*

Resumo

Este trabalho propõe algumas reflexões acerca da colonização e da educação jesuítica no Brasil e a sua implicação para a educação da atualidade a partir do estudo de dois filmes que retratam este contexto histórico: Desmundo e Hans Staden, além de uma pesquisa bibliográfica. O diálogo entre as fontes imagéticas e a literatura científica funcionará como um dispositivo mútuo, onde elas se complementam, proporcionando subsídios para um embasamento teórico e crítico e permitindo a compreensão, análises e a visualização de situações desse período. As discussões aqui apresentadas compreendem o período de hegemonia dos jesuítas no ensino brasileiro, tendo início em 1549, com a Companhia de Jesus, até 1759 quando os padres jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias pelo Marquês de Pombal. Diante de uma breve apresentação da educação jesuítica no Brasil, apresentamos alguns fatores de influência e resquícios que ainda permanecem na sociedade e na educação da atualidade.

Palavras-chave: Educação jesuítica. História da educação. Desmundo (Filme). Hans Staden (Filme).

*Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. E-mail: ricantoniassi@hotmail.com

Introdução

Pretendemos, neste texto, realizar algumas reflexões acerca da colonização e da educação jesuítica no Brasil a partir de uma analogia entre a revisão bibliográfica referente à temática e os filmes “Hans Staden”, do diretor Luiz Alberto Pereira (1999) e “Desmundo”, do diretor Alain Fresnot (2003). Enquanto a literatura científica proporciona a compreensão dos aspectos teóricos que envolvem o processo colonização e educação jesuítica no Brasil, os filmes revelam aspectos inerentes a esse período: visualização de todo o contexto e situações, práticas e ritos dos indígenas, a pluralidade linguística e as dificuldades no estabelecimento do diálogo, a geografia local, a ambientação do cotidiano dos portugueses na colônia, o estágio do desenvolvimento tecnológico, as relações de gênero, a escravidão negra e indígena etc. Portanto, as fontes imagéticas em comunhão com a literatura científica funcionarão como um dispositivo mútuo, complementando-se, proporcionando subsídios para um embasamento teórico e crítico e permitindo a compreensão, análises e a visualização de situações desse período.

Quando analisamos a história da educação no Brasil é imprescindível considerar a educação católica, em específico, a participação jesuítica no processo de educação brasileira, já que ela está intrinsecamente atrelada a essa prática, sendo responsável pela educação dos habitantes de nosso país no período colonial. Assim, não há como não considerar a influência e a importância da educação jesuítica para atual educação, pois, conforme relata a professora Marisa Bittar (FERREIRA JR., 2010) durante a sua trajetória de estudo e ensino da História da Educação Brasileira, ao preparar uma aula, ministrar uma palestra ou escrever um texto referente a essa temática, sempre suscitam reflexões acerca do contexto educacional originado no século XVI.

A educação jesuítica no Brasil

A educação jesuítica teve início em 1549, com a Companhia de Jesus, representante da igreja católica, fundada por Inácio de Loyola, em um contexto de reação da igreja católica à Reforma Protestante, sendo a protagonista do início de nossa história educacional, com hegemonia do ensino brasileiro até 1759, quando os padres jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas

colônias pelo Marquês de Pombal. Como apresentado nos filmes (DESMUNDO, 2003; HANS STADEN, 1999), essa época era constituída por hábitos e modos de vida rudimentares. Os europeus, considerados homens civilizados, eram tão primitivos quanto os próprios índios, sendo pessoas toscas e sem higiene, pois não tomavam banho, não trocavam e lavavam suas roupas, nem escovavam os dentes frequentemente. As habitações eram bastante precárias, feitas de madeira e palha, e o seu interior muito escuro, pois não havia janelas.

Nesse período de colonização, para atender aos colonos que aqui viviam, na ausência de mulheres, com o intuito de distanciá-los do pecado, já que os portugueses abusavam das índias, e como uma estratégia para preservar a elite branca, já que tais abusos estavam ocasionando uma miscigenação, os jesuítas solicitavam à Coroa Portuguesa o envio ao Brasil de mulheres órfãs para desposar os colonizadores, contratando matrimônio. Havia um preconceito com as mulheres indígenas em relação ao casamento, pois eram consideradas selvagens. Na época, o casamento era arranjado, sendo que, na maioria das vezes, tanto o homem quanto a mulher não se conheciam e as relações sexuais eram forçadas. Podemos observar, também, a diferença de idades entre essas mulheres e os colonos, o que para nós, hoje, poderia caracterizar, além de estupro, pedofilia. Outras práticas comuns desse contexto, relacionadas à sexualidade, são: o ato de incesto, como o ocorrido entre o colono e sua mãe, evidenciado a partir do discurso do padre, e o adultério, consumado a partir da traição da jovem Oribela com o comerciante de escravos Ximeno Dias, com direito à gestação de um filho proveniente desse ato (DESMUNDO, 2003).

Inicialmente, os objetivos da Companhia Jesuítica fundamentavam-se em catequizar a partir do catecismo brasílico, constituído pelos sete sacramentos, os dez mandamentos, orações do Pai-Nosso e Ave-Maria e dos pecados veniais e mortais; e educar os índios, ensinando as primeiras letras (em português e tupi), como também a propagação da concepção de mundo da civilização ocidental cristã.

A evangelização dos índios pretendia a propagação da fé, formando-os bons cristãos, visando conseguir mais adeptos ao catolicismo. No entanto, essa prática com os índios adultos não prosperou devido a aspectos culturais, pois ao seu cotidiano estavam incorporados atos considerados pelos colonos adversos aos preceitos cristãos: antropofagia, poligamia, nudez, pajelança,

guerra e nomadismo. Em razão disso os missionários adotaram outra estratégia, direcionando o foco para as crianças (os meninos), pois ainda não estavam impregnadas por práticas pecaminosas e seriam aliados em potencial para converter os vícios culturais dos adultos (FERREIRA JR., 2010).

No filme Hans Staden (1999), algumas dessas práticas anticristãs são constantemente enfatizadas: Hans Staden, alemão que estava a trabalho no Brasil por Portugal, atuando no Forte de Bertioga, durante a busca por seu escravo, é capturado e mantido prisioneiro pela tribo, tendo suas roupas retiradas, passando a viver despidão. Era frequentemente ameaçado de ser devorado em ritual antropofágico e acabou presenciando um, quando um inimigo dos indígenas foi aprisionado, tendo o seu corpo devorado por eles. Sua fé e sorte fizeram com que os índios acreditassesem que ele era dotado de poderes (pajelança), fingindo ser curandeiro e “adivinho”, tática que o auxiliou a mantê-lo vivo.

No contexto do início do Brasil colonial, a Coroa Portuguesa – vinculada ao sistema mercantilista – com os seus interesses voltados à produção de riquezas, necessitava de meios e homens para a execução de seus ideais de exploração que visava à expansão colonial. Nesse momento “[...] aumentava as responsabilidades atribuídas à Companhia de Jesus, uma vez que a ela cabia a significativa responsabilidade da aculturação sistemática dos nativos pela fé católica, pela catequese e pela instrução” (ROCHA, 2010, p. 33). A domesticação dos índios por meio da atuação educacional dos jesuítas ampliou as fronteiras da Coroa Portuguesa e produziu a mão-de-obra necessária, com o apoio dos próprios colonizadores.

Para o indígena o processo educativo jesuítico esteve inseparavelmente ligado ao processo de aculturação, perdendo o seu referencial cultural por ser visto como um papel em branco, podendo ser redigido dentro dos moldes da civilização ocidental cristã.

Cabia, também, aos jesuítas, a responsabilidade da educação dos filhos da incipiente elite, visando fornecer subsídios para que aprendessem a administrar seus latifúndios e/ou negócios da família, nesse caso, os filhos homens, pois, como reflexo de uma sociedade patriarcal, as mulheres estavam fora da escola. Como observamos no filme Desmundo (2003), a mulher ocupava um lugar de objeto, satisfazendo os homens em suas necessidades sexuais e de povoamento da colônia, com a finalidade de reprodução. A

mulher era usada sem consideração às suas vontades e aos seus desejos, sendo estupradas e torturadas mediante atos machistas, com submissão total aos homens.

Os jesuítas combinavam a catequese e o ensino em suas práticas, ou seja, à aprendizagem de seus trabalhos. Porém, o processo acontecia com uma distinta divisão social, sendo a catequese direcionada aos indígenas, praticada nos aldeamentos, e a educação à elite, ensinada nos colégios religiosos. A educação jesuítica baseava-se nas virtudes, isto é, nos valores cristãos, e nas letras com ensino da língua. Primeiramente, os padres jesuítas aprenderam a língua da terra (tupi-guarani) para comunicar-se com os índios, aproveitando-se da musicalidade dos nativos e utilizando-a como metodologia de ensino. A dificuldade na compreensão da língua foi mais um obstáculo para os jesuítas no início da evangelização dos índios. Nos filmes Desmundo (2003) e Hans Staden (1999) essa relação conflituosa entre as diversas línguas (português, francês, espanhol, latim, alemão, tupi etc.) pode ser percebida durante as falas dos personagens, que tiveram seus diálogos mantidos, havendo, inclusive, a preservação de um português composto por muitos termos arcaicos que, para uma melhor compreensão, foram acompanhados de legendas em português atual.

Durante essa fase de missão jesuítica no Brasil, a “Companhia de Jesus deu início à elaboração de um plano de estudos a ser implantado em todos os colégios da Ordem em todo o mundo, o qual ficou conhecido pelo nome de *Ratio Studiorum*” (SAVIANI, 2007, p. 50). Promulgado em 1599, fundamentava-se por um método padronizado, responsável pela sistematização do ensino, sendo o primeiro sistema organizado de educação católica que previa um currículo único para os estudos, dividido em graus, propondo uma educação integral do homem e pressupondo o domínio das técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo. O plano de estudos foi constituído:

[...] por um conjunto de regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino. Começava pelas regras do provincial, passava pelas do reitor, do prefeito de estudos, dos professores de modo geral e de cada matéria de ensino, chegava às regras da prova escrita, da distribuição de prêmios, do bedel, dos alunos e concluía com as regras das diversas academias. (SAVIANI, 2007, p. 55).

Aqui no Brasil estabeleceram-se quatro graus de ensino sucessivos e propedêuticos: curso elementar; de humanidades; de artes; e de teologia (ROCHA, 2010). A seguir, o curso elementar é descrito por Rocha (2010, p. 37):

Com a duração de um ano, esse curso tinha em seu currículo a doutrina católica e as primeiras letras. Nos estudos, disciplina, atenção e perseverança eram as três qualidades a serem adquiridas pelos alunos não só para facilitar o próprio ensino e aprendizado, mas, sobretudo, para desenvolver um traço de caráter considerado fundamental ao futuro sacerdote e ao cristão leigo.

Passada a fase inicial, em que cabia à Companhia de Jesus criar condições mínimas de vida civilizada na colônia, para viabilizar e tornar menos penoso o seu povoamento, a “[...] catequese foi sendo enfraquecida para atender à educação da elite de modo que a criação de colégios assumiu uma importância maior que a da atividade missionária” (ROCHA, 2010, p. 35), pois, em virtude da ocupação violenta do território brasileiro para a criação de latifúndios para a monocultura da cana-de-açúcar, houve a dizimação da população ameríndia (FERREIRA JR., 2010).

Assim, a ação missionária, intenção inicial da educação jesuítica, perdeu força, abrindo espaço para a criação de colégios que atendiam as necessidades da elite emergente na colônia portuguesa. Entretanto, com a expansão do sistema educacional, os jesuítas educavam os homens em escolas e as mulheres nas igrejas e capelas. Além disso, torna-se relevante destacar que “[...] a maioria dos missionários não estava preparada para as funções que dela se esperava, incluindo a do magistério” (ROCHA, 2010, p. 33), pois os professores eram padres, portanto, sem uma formação específica para atuar na educação.

Contudo, a presença dos jesuítas no Brasil constituiu fatores importantes para a educação, já que a própria Coroa não dispunha de meios para educar as massas populares, a burguesia e a própria nobreza. Dessa forma, o ensino jesuítico cumpriu esse papel, contribuindo para a sistematização da educação na colônia. Importa esclarecer aqui que, no período colonial, a educação voltava-se à elite, excluindo no seu âmbito os menos afortunados, como mulheres, negros e pobres.

A educação não atendia a todos da mesma forma, caracterizando um modelo de aprendizado excludente, pois

os jesuítas acreditavam que cada pessoa deveria ser incumbida a um tipo de trabalho, conforme o local socialmente ocupado (ROCHA, 2010). Assim, a igreja acentuou a segregação entre o pensar e o fazer determinado pelo Estado, pois o trabalho manual não era bem visto. Os indígenas eram domesticados pela catequese nos aldeamentos, não cabendo a eles as letras, pois a função do gentio naquela sociedade não necessitava de erudição, no entanto, o treinamento e a escravização do índio não eram parte do projeto português de colonização.

Gradativamente, ampliou-se a importância dos seminários como instituições de ensino, passando estes a atenderem estudantes externos, que não buscavam carreira religiosa, mas instrução propedêutica que lhes permitisse prosseguir os estudos na Europa. Em decorrência disso, multiplicou-se a quantidade de colégios para alunos leigos em geral, sintetizando a ação dos jesuítas, especialmente para a formação da elite da sociedade colonial.

O contato que os jesuítas estabeleceram com a cultura indígena foi importante para a educação, pois permitiu a inserção e a compreensão de seus valores, possibilitando a introdução de outros novos. Embora a Companhia de Jesus tivesse como principal objetivo legitimar a expansão colonial e conquistar a aceitação das habitantes nativos, a intervenção dos jesuítas teve uma função fundamental, pois para catequizá-los e ensiná-los, foi preciso, sobretudo, reconhecê-los como gente. Sendo assim, como apresentado em Desmundo (2003), a influência da igreja católica na vida e na formação da sociedade do Brasil colonial assumiu um caráter relevante, sendo muito presente e constante e suas ações refletiam nas relações de poder com a predominância generalizada do homem branco sobre os demais habitantes.

O legado para a educação da atualidade: para fins de considerações

Diante desta breve apresentação da educação jesuítica no Brasil, facilmente podemos observar alguns fatores de influência e resquícios que ainda permanecem na sociedade e na educação da atualidade, pois, como descreve Franca (1952, p. 5), “[...] para o desenvolvimento da educação moderna o *Ratio Studiorum* ou Plano de Estudos da Companhia de Jesus desempenha um papel cuja importância não se pode desconhecer ou menosprezar”.

Os jesuítas deixaram um legado de colégios organizados em rede, um método pedagógico e um currículo comum. Embora o processo de colonização tenha atuado como uma ferramenta de imposição cultural aos índios, como forma de exercer o domínio sobre eles, é por meio da Companhia de Jesus que a educação brasileira desenvolveu-se, atendendo às necessidades da sociedade, dedicando-se a educar a elite e sendo também responsável pela integração da cultura europeia e indígena, disseminando-as pelos colégios e igrejas.

O estabelecimento de uma estrutura organizacional e a sistematização do ensino foram relevantes para o processo educacional brasileiro. Ao trazer para o Brasil uma estrutura de diretrizes básicas, baseadas na *Ratio Studiorum*, possibilitou à educação em nosso país uma estrutura regimentar intensa, conforme um processo catequético, mas baseado em uma forma coerente e em um eficaz sistema de aprendizado para a época. Desse conjunto de normas que organizaram e estruturaram a educação jesuítica, o que não permanece, evoluiu, compondo a atual lei de diretrizes e bases da educação nacional.

Um dos aspectos que perduraram até a atual lei de diretrizes e bases da educação nacional são os pressupostos fundamentais propostos no método pedagógico da educação jesuítica, os quais prevalecem como premissas imprescindíveis no currículo da educação básica, pois, o curso de ensino fundamental, por exemplo, tem como um dos objetivos a formação básica do cidadão mediante “[...] o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.” (BRASIL, 1996).

A educação, ainda hoje, não é prioridade, apresentando-se com fins políticos e estando, portanto, ligada aos interesses do Estado, que direcionam-na de acordo com a política vigente. As escolas, na prática, mesmo que de forma dissimulada, não se comprometem em desenvolver a educação de qualidade ou a evolução do ser humano, mas sim o controle e o domínio cultural. Notamos que a separação conceitual entre o fazer (técnico) e o pensar (acadêmico/intelectual) ainda permanece quando direcionamos nossos estudos para áreas técnicas ou acadêmicas, além disso, o capital cultural que as classes dominantes possuem ainda é usado como forma de dominação e manipulação sobre as massas populares.

Enquanto alguns cidadãos estão fora da escola, existem aqueles que, insatisfeitos com a ausência de qualidade na educação básica pública, buscam a inserção em um sistema de educação que atenda a um repertório maior de quesitos que a aproxime de uma melhor qualidade: a educação privada. Para tanto, quando o indivíduo deixa de usufruir o ensino público migrando-se para o ensino privado, ele passa a pagar duas vezes a mesma conta, já que o primeiro sistema é direito público subjetivo. Tal situação estende-se para os setores da saúde, segurança etc. Além disso, são os estudantes da educação básica do sistema privado de ensino que integram a educação superior de melhor qualidade: a universidade pública. Os egressos da educação básica pública, para darem prosseguimento aos estudos, normalmente, custeiam o ensino superior ou submetem-se a cotas ou bolsas de estudo, sendo que o direito a este já está sendo pago aos cofres públicos por meio de impostos.

Permanecem, na educação atual, condições de trabalho e estudo inadequadas: falta estrutura física e equipamentos básicos, há salas de aulas com grande número de alunos, sem contar a elevada carga horária dos professores, submetidos a baixas remunerações, a dificuldade de acesso ao ensino superior e a presença de pessoas exercendo o magistério sem formação/qualificação. Lembramos que, neste momento, o professor é um profissional, e não um missionário (como na época jesuítica), sendo, muitas vezes, assim considerado pelo Estado, ainda que de forma velada.

Portanto, após quase cinco séculos de colonização, não somente a educação continua excludente, mas a base da sociedade continua impregnada do patriarcalismo, da falta de valores, de preconceito e de desrespeito ao ser humano, perdurando atos como o estupro, incesto, pedofilia, adultério, violência etc.

Referências

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 21 de dezembro de 1996, Poder Executivo: Brasília, DF, 1996.

DESMUNDO. Direção de Alain Fresnot. Brasil: Columbia Pictures do Brasil/A.F. Cinema e Vídeo, 2003. 1 DVD, 101 min., son., color. Legendado. Drama.

FERREIRA, Jr. Amarilio. **História da Educação brasileira:** da colônia

ao século XX. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

HANS Staden. Direção de Luiz Alberto PEREIRA. Brasil: Lapfilme do Brasil/Riofilme, 1999. 1 DVD, 92 min., son., color., Dublado, Drama biográfico.

ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. A educação pública antes da independência. In: Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. **Caderno de Formação: Formação de Professores. Educação, Cultura e Desenvolvimento. História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 32-47, v. 1.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

THE JESUIT EDUCATION IN BRAZIL AND HIS LEGACY FOR TODAY'S EDUCATION

Abstract

This paper proposes to reflect on the colonization and of Jesuit education in Brazil and its implications for the education of today from the study of two films that portray this historical context: Desmundo and Hans Staden, and a literature search. The dialogue between the imagery sources and scientific literature will act as a mutual device, where they complement, providing subsidies for a theoretical and critical foundation and allowing the understanding, analysis and visualization of situations that period. The discussions presented here include the hegemony period of the Jesuits in the Brazilian education, beginning in 1549 with the Society of Jesus, until 1759 when the Jesuits were expelled from Portugal and its colonies by the Marquis of Pombal. Faced with a short presentation of Jesuit education in Brazil, we present some factors that influenced and remnants still remain in society and in today's education.

Keywords: Jesuit education. History of education. Desmundo (Film). Hans Staden (Film).